

Dossiê: Etnia Negra e Educação

BCH-UFC

Apresentação

Das interações conflituosas e harmoniosas entre africanos/afrodescendentes e europeus/eurodescendentes, é produzida a gênese motora da formação social brasileira. O conflito é marca indelével da formação do País, da cultura e das relações sociais. Acorrentados a um único destino histórico pela via do escravismo criminoso, as etnias africanas e afrodescendentes, denominadas negras, entabulam incessante guerra pela liberdade e pela dignidade humana de um lado e, do outro, europeus e eurodescendentes, denominados brancos, exercem a força da brutalidade e da dominação.

A complexidade das representações sociais aconselha prudência nas denominações, pois os grupos não são estanques nos seus limites, nem uniformes nas suas ações. Por exemplo, o capitão-do-mato, negro, caçando negros é uma das ambigüidades do sistema. A história das classes dominantes é a história do crime do escravismo, embora o pensamento acadêmico brasileiro não os trate assim.

Conflitos, negociações e intermediações criam as histórias, cujas interpretações produzem outros complexos de interpretações, guiados por outros conflitos e opções quanto à natureza do "caráter nacional" da produção

intelectual nacional. As vozes negras sempre tiveram reduzido eco na academia, onde o exercício democrático do universalismo europeu sempre sufocou com ávida censura as expressões afrodescendentes e reproduziu, no plano da produção pensada, os mesmos desequilíbrios e injustiças das práticas sociais.

O complexo conflito constituinte do par binário escravizado e escravizador trama, sob o capitalismo, novas redes de complexidade que atualizam o conflito-matriz constituinte da sociedade brasileira, sem mudar de forma significativa as relações étnicas.

É surpreendente o fato de que, para quem está atento aos movimentos afrodescendentes, as vozes de humanistas, socialistas e conservadores eurodescendentes se confundem, se assemelham, às vezes se igualam e sempre sugerem forte negação das africanidades e das afrodescendências brasileiras. Unificam-se na composição de sentidos e de interpretações, lutam com o inconsciente da má consciência e optam pela negação do caráter étnico das relações sociais, traduzindo a natureza biológica como propositiva imagem das relações sociais. Enfeixados em ideais de mestiçagem cultural, de miscigenação racial, constroem o aparato para a negação de uma cultura de matriz africana e de relações sociais étnicas conflituosas. A produção ideológica das elites se soma às de opção popular nas visões

explicativas de Brasil quando se trata de escapar da senda de incluir o traço étnico como vetor explicativo das diversas realidades brasileiras. É desse ângulo que se torna instigante e marcante a proposta da organização de um número especial da revista *Educação em Debate*, orientada por vozes discordantes do caráter intelectual nacional, trabalhando com as visões da realidade brasileira pela via da etnia negra e procurando refletir sobre a educação.

As situações críticas teóricas revelam dificuldades de compreensão da ciência e da sua construção na atualidade brasileira em particular, refletindo os nossos problemas de interpretação cotidiana no campo das relações étnicas. As oposições, como também as composições, de afro e euro, se dão em sinergia com as de gênero, localidade e classe para explicar a realidade nacional nas visões dos afrodescendentes, posição esta que ficou subtraída ou apagada das possibilidades teóricas e metodológicas da revelação da nossa sociedade pelas escrituras eurocêntricas, “branco-cêntricas”. No limite, olhando a amplitude do debate que apenas se ensaia no cenário da pesquisa em educação e nas demais ciências no País, estamos diante de uma crise epistemológica e histórica, em que expressões afrodescendentes se opõem às eurodescendentes. Abrindo um parêntese para o leitor desavisado da anúnciação de etnia, estamos num campo distante das idéias da raça, sobretudo da biológica. Os movimentos sociais de maioria afrodescendente cresceram muito na década de 1980 a 1990 no Brasil e entabularam estratégias que tiveram as relações acadêmicas como alvo, como contestação, o lugar privilegiado que eurodescendentes têm na produção científica brasileira. No plano nacional e internacional, outras crises de contestação das diversas dominações levaram à procura de saídas via

desconstruções da cultura dominante, pelas vias do multiculturalismo, dos estudos culturais, dos interculturalismos, dos pluriculturalismos, em suma, de enfoques das teorias das convivências com o “outro”, tendo como parâmetro ético o respeito mútuo. Existe um movimento para redução das hegemonias étnicas. Nestes embates é que as idéias novas na educação lutam pela busca do tempo perdido, seguindo a estabilidade das hegemonias teóricas. Nas idas e vindas, mudanças de paradigmas estão em curso e esse número especial da Revista traduz alguns marcadores destas mudanças sob o título de etnia negra e educação. Os autores são diversos, a maioria de etnia negra, de variadas localidades e com diferentes posturas teóricas.

No primeiro artigo, “Africanidades na Educação”, Eduardo David de Oliveira reflete sobre a Filosofia da Educação no Brasil, a partir da cosmovisão elaborada na dinâmica civilizatória africana e reinterpretada pela experiência dos afrobrasileiros, considerando, sobretudo, os princípios da diversidade, integração e ancestralidade, bem como as noções de tempo, universo, pessoa, palavra, e socialização.

A história da educação brasileira, em raras oportunidades, trata a especificidade dos afrodescendentes. Em “O lugar do negro na educação: da transição do século XIX ao XX”, Daise Rosas e Henrique Cunha Jr. oferecem contribuição neste sentido.

Em “Guerrilha na Educação: a ação pedagógica do Movimento Negro na Escola Pública”, Amauri Pereira analisa o impacto da luta contra o racismo no âmbito da Educação. A partir de um estudo dos eventos de Consciência Negra realizados em escolas públicas, estaduais e municipais do Rio de Janeiro, observa que a ação do Movimento Negro, na sociedade e na escola, vem gerando o desequilíbrio das

certezas e impondo muitas recomposições de idéias, lugares sociais e espaços de poder.

A diversidade de temas deste número tem como eixo a educação formal e informal, tratando as pedagogias sociais das relações étnicas. Assim, no quarto artigo, Ellis Regina Neves Pereira trata de um tema que foi polêmico há alguns anos, o lançamento da revista *Raça Brasil*. A autora mostra que embora a revista tenha se constituído em alvo de uma série de polêmicas, as quais tendem a minimizar, ou subtrair, por completo, a sua importância para o segmento do mercado prioritariamente visado, ou seja, o negro brasileiro, ela é de suma relevância para a história das relações interétnicas no Brasil.

Fazendo par em certo sentido com o artigo anterior, pelo enfoque relativo a movimentos negros, no quinto artigo, eu, Henrique Cunha Júnior, apresento trabalho guiado pelo viés histórico, falando sobre a formação do movimento social de maioria negra na década de 1970. Par-

tido de uma crítica à literatura que desconsidera a continuidade entre a década de 1930 e a de 1970, ou seja, entre o período da Frente Negra Brasileira e a fundação do Movimento Negro Unificado Contra o Racismo, o artigo resgata os marcos da continuidade histórica deste movimento de maioria afrodescendente, mostrando que, uma vez iniciada, a luta do negro brasileiro jamais foi interrompida.

A organização deste número especial da Revista teve como proposta preencher uma lacuna da literatura sobre educação e movimentos sociais, que é a abordagem dos temas sobre relações étnicas e cultura negra. Consideramo-nos satisfeitos com o resultado, tendo reunido pesquisadores de várias regiões e enfoques. Esperamos que o leitor encontre aqui o mesmo prazer de leitura que nós organizadores encontramos.

Henrique Cunha Júnior e
Ana Beatriz Sousa Gomes